

INFORME RURAL ETENE

ANO 1, Nº 02 – FEV/2007

MERCADO DE CARNE BOVINA 01: CENÁRIO MUNDIAL

Antonio Nogueira Filho
Mestre em Ciências Avícolas e Pesquisador do ETENE
Fone: (85) 3299-3234
Fax: (85) 3299-3474
nogfilho@bnb.gov.br

1 - COMPORTAMENTO GERAL DO MERCADO

No início deste século o mercado internacional de carne bovina foi marcado por diversos problemas de ordem sanitária que afetaram o equilíbrio de forças comerciais vigentes em várias partes do planeta. A notificação de focos da febre aftosa em alguns países da América do Sul, inclusive no Brasil e na Argentina e o diagnóstico da “doença da vaca louca”¹ pela primeira vez em países do leste da Europa e no Japão foram os responsáveis diretos por alterações nas relações mercadológicas entre países exportadores e importadores de carne bovina, como consequência da redução do consumo. Alegando problema de ordem sanitária (doença da vaca louca), em fevereiro de 2001, os Estados Unidos e o Canadá proibiram a importação de carnes originárias do Brasil. Essa proibição tratou-se, à época, de uma retaliação comercial e não propriamente de medida tecnicamente justificável, tanto é que, no mês seguinte, essa proibição foi retirada.

O consumo de carne bovina caiu não somente nos países afetados, mas também em outros países europeus e no Oriente Médio. As exportações da Argentina e do Uruguai caíram vertiginosamente. A Rússia e Países Árabes proibiram a importação de carne da comunidade europeia, aspecto que provocou a redução das exportações de carnes *in natura* em mais de 40%, enquanto as exportações de carnes congeladas alcançaram níveis insignificantes. Nos países da comunidade europeia o consumo caiu mais de 10% e os preços foram reduzidos em 15%. O Brasil, embora não se registre a doença, teve que implantar práticas sanitárias corretas e eficientes, inclusive sistemas de rastreabilidade para manter e incrementar as suas exportações.

É importante salientar que os mercados mundiais de commodities agrícolas deverão apresentar demanda crescente, em face da redução mundial dos estoques. Apesar da paralisação dos investimentos em tecnologia, o consumo mundial continua aumentando em ritmo razoável, o mesmo devendo acontecer com o consumo de carnes em geral. Espera-se que, no caso específico da carne bovina, o consumo venha a se manter ou aumentar levemente.

O Brasil reúne condições bastante favoráveis para conservar o seu *market share*² e até ampliar, considerando a qualidade da carne bovina produzida no País. Nossos rebanhos são, na quase totalidade dos criatórios, engordados a pasto, o que confere, praticamente, a condição de bovino orgânico. Outro aspecto favorável ao

¹ Encefalopatia Espongiforme Bovina.

(*)Coordenadora da COERG: Maria Odete Alves

comércio de carne é que, segundo Octavio Barros³, "*há, no mundo, uma mudança de preços relativos a favor dos básicos em detrimento dos manufaturados, afetando todos os países*". A economia chinesa joga os preços das *commodities* para cima e dos manufaturados para baixo. O Brasil é um dos países beneficiados pela crescente demanda asiática e chinesa e esta tendência deverá se manter ainda por mais uns dez anos.

A exportação de carne brasileira tem registrado sucessivos aumentos nos últimos anos, consolidando a posição do País como maior exportador mundial de carne bovina. A propósito, o embargo de vários países importadores à compra de carne bovina brasileira, em virtude da ocorrência de focos de febre aftosa em municípios do sul do Mato Grosso do Sul, no final de 2005, não impediu que os contratos de exportação fossem cumpridos, pois os Estados impedidos de exportar redirecionaram sua produção para o mercado interno, enquanto outras unidades da federação atenderam a demanda externa.

Em 2006, o principal destino das exportações brasileiras de carne foi União Européia (34% em valor), a qual é responsável por grande demanda de carne bovina e dependente de importação (CNA, 2007). A Rússia continua sendo o principal país importador de carne bovina brasileira, com 20,5%, enquanto o Egito aumentou o volume de suas importações brasileiras de carne bovina para 12,7%⁴. A Inglaterra importa apenas 2% de suas necessidades internas de carne bovina, no entanto 13% são originárias do Brasil. O Japão, o Canadá e países do Oriente Médio são outros destinos importantes para o comércio da carne brasileira. Desde 2004, a Romênia, a Ucrânia e a Bulgária vêm aumentando significativamente as importações de carne bovina do Brasil⁵.

Entre 2001 e 2006, as exportações de carne bovina para os Emirados Árabes Unidos cresceram mais de seis vezes, segundo a Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne Bovina (Abiec)⁶, que é responsável por aproximadamente 90% das exportações de carnes brasileiras. Ainda, segundo a mesma fonte, espera-se que referidas exportações cresçam entre 10 a 15% este ano. Em 2006, os Emirados Árabes Unidos, via Dubai (essa cidade é uma espécie de Roterdã do Oriente Médio), importaram do Brasil 24.013 toneladas de carne bovina, no valor de US\$ 20,821 milhões.

De janeiro a dezembro de 2006, as exportações brasileiras de carne bovina superaram, em valor, as da Austrália. Segundo a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior-FUNCEX⁷, o Brasil recebeu pelas suas exportações US\$ 3,475 bilhões, enquanto a Austrália o valor foi de US\$ 3,373 bilhões. Em volume, o Brasil exportou 2,113 milhões de toneladas, contra 1,338 milhão da Austrália. A exportação de carnes com maior valor agregado foi a responsável pelo significativo aumento do valor, pois o Brasil, apesar de já exportar nos últimos três anos um volume superior ao da Austrália, apresentava valor inferior. Em 2006, as exportações brasileiras de carne bovina (peças desossadas, carcaças, miudezas e outras peças) totalizaram US\$ 3,924 bilhões. No mês de janeiro de 2007, as exportações de carne *in natura* se mantiveram, em valor, nos níveis de dezembro de 2006, mas aumentaram em 5,74%, em volume, em relação a janeiro de 2006.

² Percentual de participação no mercado.

³ FUNCEX-Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, 19.02.2007, pág. 01.

⁴ <http://www.cna.org.br>, 14.02.2007.

⁵ <http://www.cna.org.br>, 14.02.2007.

⁶ FUNCEX-Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, 19.02.2007, pág. 01.

2 - PRODUÇÃO BRASILEIRA: A CRISE DE 2006 E PERSPECTIVAS PARA 2007

O ano de 2006, para o produtor, foi marcado por uma acentuada redução do preço da arroba do boi gordo, que alcançou o menor nível das últimas décadas. O aumento de abate de fêmeas, em média de 40% do total de bovinos abatidos, foi outro fator que contribuiu para agravar a crise, pressionando o preço da arroba do boi gordo para baixo. Outro fator que contribuiu para a redução da lucratividade do produtor foi o aumento dos custos operacionais efetivos em torno de 6,61%.

Para o ano de 2007, espera-se que o abate de fêmeas seja reduzido, enquanto o uso de insumo seja mais eficiente para reduzir os custos operacionais efetivos, melhorando, assim, a rentabilidade da pecuária bovina de corte, pela recuperação gradual do preço recebido pela arroba do boi gordo.

O governo deverá aumentar o orçamento para custeio dos serviços de vigilância e defesa sanitária animal, para que a pecuária bovina de corte possa manter a fatia de 30% das exportações de carne bovina no comércio mundial. A Confederação Nacional de Agricultura (CNA, 2007) estima que serão necessários cerca de R\$ 450 milhões para o adequado atendimento dos serviços de vigilância e defesa sanitária animal, no ano de 2007. Considerando que em 2005 somente foram alocados recursos da ordem de R\$ 132 milhões, será pouco provável que os governos estaduais e federal venham a alocar o montante sugerido pela CNA, na proporção de 50% cada.

A despeito da queda substancial no preço da arroba do boi gordo observada no estado de São Paulo (ANUALPEC, 2006), verificou-se uma tendência de se manter o atual patamar, com pequenas variações⁸.

A relação de troca boi gordo/boi magro, ou seja, quantidade de bois magros que se pode comprar com a venda de um boi gordo, vem se mantendo mais ou menos constante ao longo dos últimos dez anos no Estado de São Paulo, variando de 1,3 a 1,8, em médias anuais e de 1,4 a 1,6 em termos de média anual mensal.

3 - TENDÊNCIAS DO MERCADO MUNDIAL

Para melhor compreensão do comportamento e possíveis cenários do comércio de carne bovina serão apresentados alguns dados importantes e tendências do mercado mundial do setor. Os cinco principais produtores mundiais de carne bovina, em 2006 (em mil toneladas), conforme previsão elaborada pelo Instituto FNP (ANUALPEC 2006), foram os Estados Unidos (11.891), União Européia (7.820), China (7.575), Brasil (7.463) e Argentina (3.100). A Índia, apesar de possuir o maior rebanho bovino do mundo (336,9 milhões de cabeças), produziu somente 2.300 mil toneladas de carne bovina, pois a taxa de abate neste país foi de 7%. A China a despeito de liderar em relação ao número de bovinos abatidos, com 56,9 milhões de cabeças e com uma taxa de abate de 40%, ocupa a terceira posição na produção de carne.

A tendência de produção para 2007 dos Estados Unidos, China e União Européia é de manter ou apresentar um pequeno incremento em relação ao ano de 2006. A produção de carne bovina no Brasil neste ano,

⁷ FUNCEX-Fundação Centro de estudos do Comércio Exterior, 12/12/2006.

⁸ Dados deflacionados e atualizados pelo IGP-FGV.

resolvido o problema dos focos de febre aftosa identificados nas regiões Sul e Centro-Oeste, é de se manter nos níveis atuais de produção ou até aumentar.

Segundo estimativa do Instituto FNP, em 2006, o consumo *per capita* anual, em geral, vem se mantendo constante, apresentando em alguns países e redução em outros. A Argentina (65,9 kg) continua liderando o consumo de carne bovina, em termos *per capita*, seguida pelos Estados Unidos (43,8 kg), Austrália (37,5 kg), Canadá (31,1 kg) e Brasil (29,6 kg).

Quanto às exportações, o Brasil continua liderando o ranking com 1.964 mil toneladas, seguido pela Austrália com 1.400 mil toneladas. Em relação às importações os Estados Unidos, maiores produtores mundiais, são também os maiores importadores de carne bovina, com 1.583 mil toneladas. O Japão (737), a Rússia (710) e a União Européia (600) ocupam, respectivamente, a segunda, terceira e quarta posições.

Embora no Estado de São Paulo, nos últimos dez anos, o preço da arroba do boi gordo, deflacionada e atualizada pelo IGP-FGV (ANUALPEC, 2006), tenha caído, substancialmente, a tendência é que o preço pago, atualmente, venha a se manter, com pequenas variações.

4 - PROVÁVEIS CENÁRIOS

Segundo a FUNCEX (Boletim de Comércio Exterior, de 11/12/2006), em fevereiro de 2007 as exportações brasileiras TOTAIS somaram US\$ 10,1 bilhões, com incremento de 15,5% em relação ao mesmo mês de 2006. No primeiro bimestre do ano o crescimento do valor exportado foi de 16%. As importações alcançaram US\$ 7,2 bilhões, com crescimento de 21,4% em relação a janeiro de 2006. A elevação dos preços que vem ocorrendo, mês a mês, desde de dezembro de 2005, foi a grande responsável pelo crescimento verificado, ficando os volumes exportados praticamente inalterados, tendência que se espera acontecer em relação às exportações de carne bovina. A propósito, as exportações brasileiras de carne bovina (*in natura* e industrializada), segundo dados da SECEX (2007), em janeiro de 2007, somaram 187 mil toneladas, gerando receita da ordem de US\$ 324 milhões. Esses valores foram, respectivamente, 30 e 38% superiores a janeiro de 2006. O preço médio da tonelada da carne bovina *in natura* aumentou 7,49%, no entanto, em relação à carne bovina industrializada, o aumento foi de somente 0,22%, mas o volume das exportações de carne bovina industrializada vem aumentando, proporcionando maior rentabilidade aos produtores, com a agregação de valor. Em relação ao mês de dezembro de 2006, as exportações do mês de janeiro de 2007 aumentaram 5,74%, com recuperação do volume exportado em relação à queda de 12% ocorrida em novembro do ano passado.

O Cenário interno continua favorável ao Brasil como produtor de carne bovina, mercê de sua privilegiada diversidade climática, extensão territorial, qualidade dos solos, excelentes áreas de pastagens cultivadas, adaptabilidade das raças zebuínas e de seus mestiços ao clima tropical, desenvolvimento de qualidade genética dos plantéis bovinos brasileiros. O agronegócio da pecuária bovina do País (carne, couro, pele, calçados e lácteos) ocupa a terceira posição no rol do agronegócio brasileiro. Apesar da elevada carga tributária, o preço da carne brasileira continua competitivo, visto que no preço no mercado internacional é 25% inferior ao preço da Austrália e 58% menor

que o mercado americano. Isto é possível porque a maioria das engordas é realizada extensivamente, em pastagens cultivadas, sem grandes investimentos em instalações, equipamentos e sem pessoal especializado.

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

Ano 1 N°1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146